HIP-HOP NA ESCOLA: sacadas para o corre educativo-musical no ensino médio

Ana Clara da Silva Ponciano
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
claraponciano9@gmail.com
https://orcid.org/0009-0007-7136-5575

Mário André Wanderley Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
mario.andre@ufrn.br
https://orcid.org/0000-0001-8349-0380

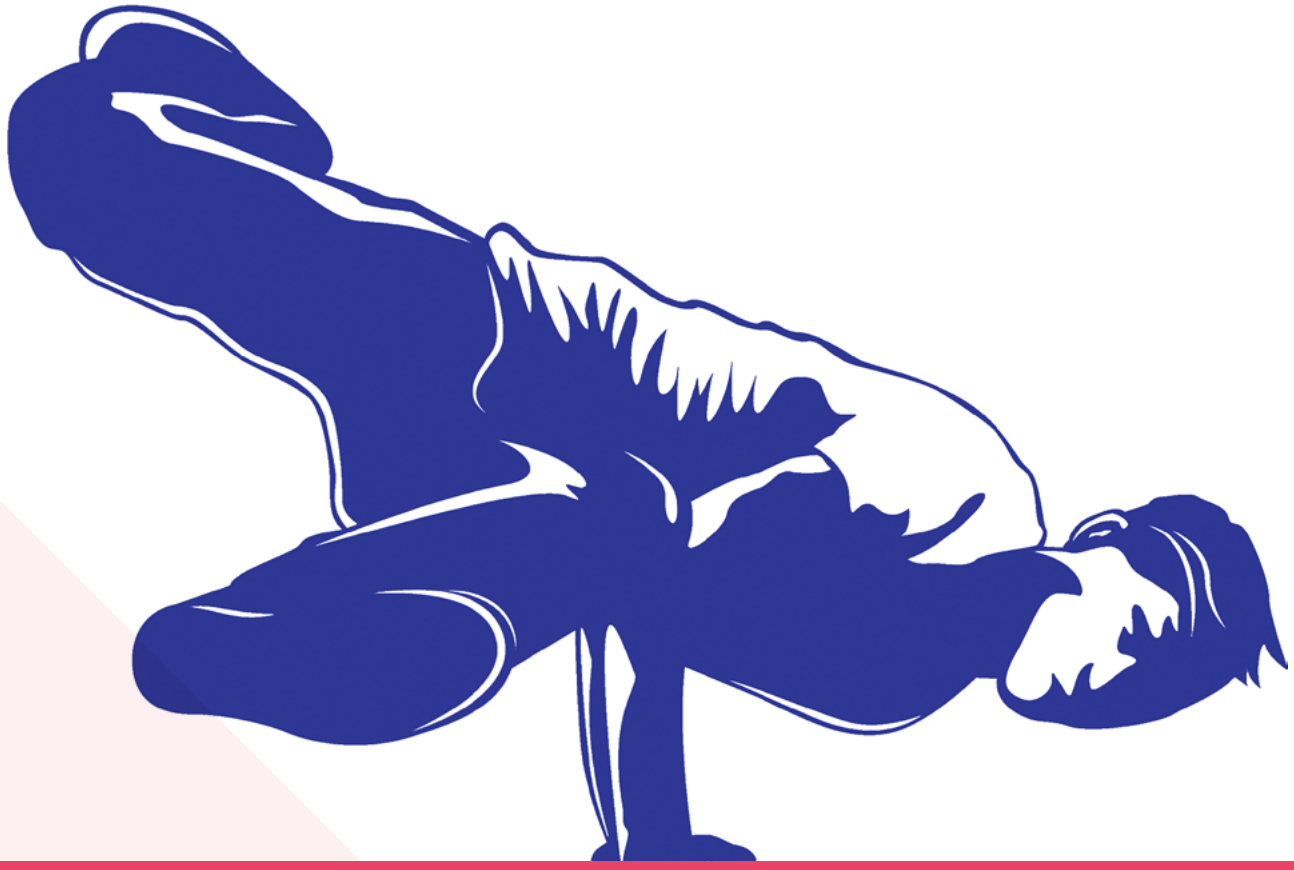
Recebido em: 20/09/2025
Aprovado em: 06/09/2026
dx.doi.org/10.33054/MEB151813



Resumo

Este artigo apresenta uma sequência didática composta por quatro aulas voltadas para turmas do ensino médio, tendo o hip-hop como eixo central de reflexão e criação musical. A proposta busca aproximar a escola da cultura hip-hop, entendendo-a como movimento político e artístico que nasce como resposta às desigualdades sociais e ao silenciamento da população negra e das periferias. As aulas incluem contextualização histórica, análise crítica de letras, rodas de rima e composição coletiva de versos autorais, incentivando a escuta ativa, o improviso e a expressão criativa dos/as estudantes. Mais do que trabalhar o rap, o objetivo é transformar a sala de aula em um espaço de reflexão sobre resistência, protagonismo e diálogo, contribuindo para uma formação crítica, antirracista e emancipatória.

Palavras-chave: Hip-hop na escola. Proposta crítica. Ensino médio.





Hip-Hop in School: Classroom Insights for High School Music Education

Abstract

This article presents a teaching sequence consisting of four lessons for high school students, with hip-hop as the central axis of reflection and musical creation. The proposal seeks to bring schools closer to hip-hop culture, understanding it as a political and artistic movement that emerged as a response to social inequalities and the silencing of Black people and those living in peripheral neighborhoods. The lessons include historical contextualization, critical analysis of lyrics, rhyme circles, and collective composition of original verses, encouraging active listening, improvisation, and creative expression among students. More than just teaching rap, the goal is to transform the classroom into a space for reflection on resistance, protagonism, and dialogue, contributing to critical, anti-racist, and emancipatory education.

Keywords: *Hip-hop at school. Critical proposal. High school.*

PONCIANO, Ana Clara da Silva; OLIVEIRA, Mário André Wanderley. HIP-HOP NA ESCOLA: sacadas para o corre educativo-musical no ensino médio. Música na Educação Básica, v. 15, n. 18, e151813, 2026.

HIP-HOP NA ESCOLA? QUAL A FITA?



Discutir hip-hop na escola é mais do que contemplar uma manifestação cultural urbana em sala de aula. É abrir um espaço de diálogo com um movimento que nasce como resposta a desigualdades sociais e ao silenciamento de comunidades periféricas. O hip-hop, surgido no Bronx[1] nos anos 1970, combina música, dança, artes visuais e poesia falada para transformar em arte as experiências vivenciadas no cotidiano de jovens periféricos/as. Evidenciar esse contexto em sala de aula significa não apenas contemplar novos elementos estéticos e sonoro-musicais na escola, mas também convidar estudantes a refletirem sobre as tensões que ele expressa, questionando desigualdades e propondo novas leituras do mundo. Trabalhar com rap na escola, portanto, é incentivar a criação, o improviso e o pensamento crítico em sala de aula, por meio de expressões contemporâneas de periferias.

O rap, em especial, é uma prática que ocupa simbolicamente territórios. Assim como o grafite deixa a marca visual de quem o fez, a rima improvisada preenche o espaço com a voz de quem fala, transformando o lugar em palco e em mensagem. Pensar o trabalho pedagógico a partir dessa perspectiva significa transformar a sala de aula em um espaço de expressão, onde diferentes vozes tenham oportunidade de se fazer ouvir, com destaque para o hip-hop como prática educativa atrelada a uma perspectiva de cidadania engajada (Pardue; Dias;



1 Distrito da cidade de Nova York – Estados Unidos.

Vieira, 2024). É importante que a escola crie condições para que todas as vozes, especialmente as de quem costuma ser silenciado/a, tenham espaço para se manifestar.



Para saber mais

Hip-hoppers criam projeto "Escola de hip-hop", contando com oficinas de *breakdance*, grafite e rima para alunos de escolas públicas.

Fonte: Saiba Mais agência de reportagem (Saibamais.jor.br)

A sequência didática apresentada neste texto foi pensada para o ensino médio e propõe quatro encontros que combinam escuta, reflexão e prática criativa. As aulas convidam estudantes a conhecerem a história do hip-hop, analisarem letras, experimentarem a prática do *freestyle* e criarem suas próprias composições, sempre conectando os temas às realidades vividas por cada um. A ideia é que a sala de aula se torne um ambiente de colaboração, em que estudantes não apenas aprendam sobre o hip-hop, mas construam novas formas de se expressar e de dialogar sobre o mundo que os/as cerca.

Aula 1: MINHA DANÇA TEM HISTÓRIA[2]... SACA SÓ!

Na primeira aula, a proposta é que o/a professor/a inicie as atividades apresentando o hip-hop como um movimento cultural e político de resistência, como resposta às desigualdades raciais, à segregação urbana e à exclusão social vivida por comunidades negras e latinas, que viviam em condições de precariedade, expostas à drogadição, violência policial e criminalidade. Em seguida, sugere-se que o/a professor/a exiba trechos de

2 Expressão extraída do livro "Minha Dança tem História", de bell hooks (2019).

vídeos ou imagens que mostrem o contexto de Nova Iorque nos anos 1970, destacando cenas de resistência e convivência comunitária e situando os alunos sobre o cenário de gênese da cultura hip-hop.

Os principais precursores do movimento, neste contexto, foram o DJ Kool Herc e sua irmã, Cindy Campbell, que, nos anos 1970, realizavam festas no Bronx – as famosas *house parties* (festas em casa) –, proporcionando momentos de diversão e alegria, em meio às adversidades da conjuntura da época (Lipset; Ellis, 2024, p. 21). A primeira festa, uma comemoração de volta às aulas, ficou lendariamente conhecida pela foto do convite com data e endereço: 11 de agosto de 1973, na Avenida Sedgwick, 1520. Essa data é marcada como o dia mundial do hip-hop.

Nomear as pessoas pioneiras do hip-hop ajuda a situar a turma historicamente e a lançar reflexões sobre o desenvolvimento sociopolítico e musical do movimento, como a figura de Afrika Bambaataa, considerado o pai do hip-hop, pois definiu os quatro elementos artísticos da cultura: o DJ (*Disc Jockey*), o MC (Mestre de Cerimônia), o *breakdance* e o grafite, e, posteriormente, o quinto elemento: o conhecimento (Silva, 2018, p. 44), evidenciando que cada uma delas é uma linguagem artística que carrega uma função estética e social.



Para saber mais

A sigla RAP é uma abreviação das palavras *"rhythm and poetry"* (ritmo e poesia). O gênero é uma junção de duas figuras do movimento hip-hop, o DJ e o MC.

Bambaataa foi importante para revolucionar as produções musicais do hip-hop, ao popularizar técnicas eletrônicas de mixagem e do som eletrofunk como o fenômeno do 808, uma bateria eletrônica da marca Roland, que revolucionou a sonoridade do movimento.

Vamos ouvir?

Exemplos do beat 808

Procure no YouTube com as palavras-chave:
“Ten classic Roland TR-808 patterns” + “SynthMania”.



Exemplificar esses ritmos e técnicas diversas em sala de aula é uma sugestão para trabalhar a escuta e a apreciação musical dos alunos, bem como para situá-los quanto às principais características que compõem o estilo musical do movimento.

Para saber mais

A técnica do *crossfader* ficou popularizada no hip-hop como um formato de mixagem com transições suaves entre uma música e outra, além de permitir a extensão dos *breakbeats,* garantindo a fluidez da música, sem quebras no *beat*. Fonte: (Lipset; Ellis, 2024, p. 22).

Com a propagação do movimento, também foi necessário reafirmar a sua posição enquanto uma manifestação artística que pode fazer música com grande criticidade política; assim, houve uma virada de chave do hip-hop com a música “*The Message*” do grupo The Furious Five e Grandmaster Flash. Sugere-se que o/a professor/a apresente aos alunos a música, acompanhada de sua letra.

Vamos ouvir?

The Message

Procure no YouTube com as seguintes palavras-chave:
“Grandmaster Flash & The Furious Five” + “The Message (Official Video)” + “UPROXX”.

Trecho da música The Message (traduzida)

[...]
Uma criança nasceu, sem nenhum estado de espírito
Cega aos caminhos da humanidade
Deus sorri pra você, mas Ele tá triste também
Porque só Deus sabe pelo que você passa
Você cresce no gueto, vivendo de segunda classe
E seus olhos cantam uma canção de ódio profundo
Os lugares que você joga e onde fica
Parecem um beco bem grande
[...]

(Trecho extraído do site Letras.mus.br)

Após a exibição e análise da letra da música, a turma pode conversar sobre o que viu e ouviu, refletindo sobre quem tinha voz, quem era silenciado/a e quais estratégias as comunidades desenvolveram para existir com dignidade e, brevemente, realizar uma autoavaliação escrita, em que cada estudante responda: "O que aprendi hoje sobre o hip-hop?" e "Que relação vejo entre essa história e a minha realidade?".

O/a professor/a pode conduzir a reflexão ajudando os alunos a perceber que as linguagens artísticas do hip-hop são, antes de tudo, formas de falar de si, de lutar contra opressões e de reivindicar espaço.





Sacadas pra aula 1:

Conhecendo o hip-hop

- Apresente o contexto histórico e social de surgimento do hip-hop.
- Exiba exemplos audiovisuais dos quatro elementos da cultura hip-hop. Sugerimos o documentário "A história do Hip-Hop" no canal Doc.Mix (YouTube).
- Oriente a escuta de diferentes beats e produções musicais associadas ao movimento, como os beats do *boom bap* e do *trap*. Sugerimos duas músicas do rapper Froid. No estilo *boom bap*, a música "Pseudosocial" (YouTube); e no estilo *trap*, a música "Teoria do ciclo da água" (YouTube).
- Agora, promova discussão sobre as relações entre música, crítica social, resistência e identidade cultural com uma breve reflexão sobre o que aprenderam na aula.

Aula 2: O BEAT NO BRASIL: "O RAP É COMPROMISSO!"[3]

A proposta da segunda aula é relacionar o rap e a realidade brasileira, mostrando como esse gênero se tornou voz das periferias urbanas e meio de denúncia social. Assim como nos Estados Unidos, a cultura hip-hop no Brasil nasce em diálogo com questões de racismo, pobreza e violência, sendo uma forma de afirmar identidades e fortalecer coletividades. O/a professor/a pode apresentar brevemente a chegada do rap e do funk ao Brasil, nos anos 1970, destacando os "bailes black" como espaços de encontro, lazer, sociabilidade e resistência negra e de formação da primeira geração de *hip-hoppers* (Dayrell, 2002; Norberto, 2021).

Além das referências diretas do gênero soul, o estilo do Miami Bass se consagrou entre os sucessos tocados nos bailes.

3 Título de uma música do rapper Sabotage.

Vamos ouvir?

Miami Bass

Procure no YouTube com as seguintes palavras-chave: “Miami Bass 80” + “DJ OLD aka THEBOY”

O rap brasileiro ganhou maior destaque na década de 1990, principalmente com a repercussão do grupo Racionais MC’s, composto pelos rappers Mano Brown, KL Jay, Edi Rock e Ice Blue, que revolucionou e mudou os rumos da música do hip-hop nacional. O álbum *Sobrevivendo no Inferno* (1997) teve grande repercussão pelo forte teor crítico e denunciador da violência policial e política contra negros e pobres das periferias paulistas, principalmente pela forte crítica e oposição à indústria fonográfica (Oliveira, 2017, p. 115-116).

Na história do rap nacional, as mulheres também têm lugar de destaque, como a rapper Sharylaine, precursora da cena feminina no movimento e fundadora do primeiro grupo feminino “Rap Girls”, em 1986. A rapper se destacou pela sua participação na coletânea clássica “Consciência Black Vol. 1”, com a música “Nossos Dias”, lançada em 1989, um ano após o centenário da abolição da escravidão no país[4] .



Para saber mais

Sharylaine mantém uma atuação feminista e de voz ativa dentro do movimento. Foi uma das criadoras do coletivo Minas da Rima, no início dos anos 2000, e da Frente Nacional de Mulheres no Hip-Hop (FNMH), fundada em 2010, com representação em diversos estados brasileiros.[5]

4 Ouça a música “Nossos Dias”, disponível no canal dos Racionais MC’s no YouTube.

5 Matéria intitulada “Sharylaine: tem mulher no rap”. Disponível no site PrimeirosNegros.com.

Para aproximar a turma desse contexto, sugere-se a audição, acompanhada da leitura da letra de "Capítulo 4, Versículo 3", do grupo Racionais MC's. O/a professor/a pode projetar a letra para que todos acompanhem e, após a audição, refletir coletivamente com os estudantes sobre as seguintes questões: que problemas sociais a música denuncia? Como essas questões ainda se manifestam quase trinta anos depois de seu lançamento? Esse diálogo ajuda a estabelecer conexões entre arte, história e vivências pessoais.

Vamos ouvir?

Capítulo 4, Versículo 3

Procure no YouTube com as seguintes palavras-chave: "Capítulo 4, Versículo 3" + "Racionais TV"

Trecho da música Capítulo 4, Versículo 3

[...]
... 60% dos jovens de periferia
Sem antecedentes criminais já sofreram violência policial
A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras
Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros
A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo
Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente.
[...]

Sugestão: o/a professor/a pode atualizar os dados apresentados na música e fazer, com os alunos, um comparativo com o contexto atual.

Com base nesse exercício, o/a professor/a pode elaborar, com a turma, uma lista de temas que os/as estudantes considerem urgentes em suas próprias comunidades — racismo, machismo, violência policial, desigualdade social, questões ambientais — de modo a estimular a

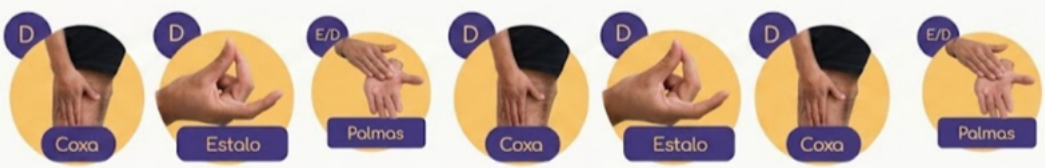
reflexão e a criatividade e criar uma referência para a turma nas aulas seguintes. Esse exercício estimula os/as alunos/as a enxergarem o rap como meio de expressão não só artística, mas sociopolítica.

Em um segundo momento da aula, o/a professor/a pode introduzir ritmos, com base nos exemplos apreciados no início, presentes no rap, a partir de sons do corpo. Abaixo, trazemos um exemplo de exercício que pode ser utilizado em diferentes músicas do gênero. Sugere-se que sejam criadas, de forma coletiva, sequências musicais envolvendo ritmos de palmas, batidas na coxa e estalos, entre outros. Inicie em um andamento lento e, aos poucos, aumente a velocidade até o tempo padrão da música escolhida.

Sacadas pra aula 2:

O rap no Brasil

- Apresente aspectos históricos da consolidação do rap brasileiro.
- Promova a escuta guiada de obras representativas do gênero.
- Oriente a análise da relação entre letra, ritmo e mensagem nas músicas selecionadas e elabore, de forma coletiva, uma lista com temáticas propostas pelos alunos, que guiarão as futuras produções musicais deles.
- No segundo momento da aula, conduza uma atividade de reprodução coletiva de padrões rítmicos por meio de percussão corporal. Segue um exemplo abaixo:

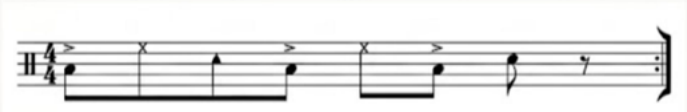


RAP (variável 1)

II: Perna (E), dedo (E), mão, Perna (E), dedo, Perna (E), mão :II

RAP (variável 2 – toca oo mesmo tempo partes que seguem)

II: Perna (D), dedo (D), mão, Perna (D), dedo, Perna (D), mão :II
II: Perna (E), dedo (E), mão, Perna (E), dedo, Perna (E), mão :II



Fonte: Ribeiro (2022)

Como sugestão de música, o/a professor/a pode pesquisar uma base instrumental de *boom bap*, com o andamento aproximado de 80 BPM e, aos poucos, inserir os movimentos corporais aprendidos. Após criar a sequência musical, pratique com os estudantes e, se possível, divida-os em dois grupos, estimulando a criatividade e autonomia.

Aula 3: A PALAVRA COMO INSTRUMENTO: RIMA, IMPROVISO E LIBERDADE, TÁ LIGADO?

O objetivo da terceira aula é oferecer um mergulho na prática do rap, explorando o improviso e a criação coletiva como formas de expressão. O/a professor/a pode iniciar retomando os temas listados na aula anterior e convidando os estudantes a escolherem alguns para trabalhar nas rimas. Antes de começar a improvisar, é importante discutir o papel do MC e do DJ no movimento hip-hop, explicando que o freestyle é uma forma de construir narrativas que denunciem injustiças e afirmem identidades a partir da improvisação, compreendendo e tomando consciência de que não se trata apenas de brincar com palavras, mas de criar discursos significativos.

Em seguida, o/a professor/a organiza uma roda de rima para que os estudantes experimentem o freestyle. Ainda que a improvisação seja evidenciada na prática de *hip-hoppers*, existem alguns termos que funcionam como bases para a construção de versos, em modelos como o AABB ou ABAB, que auxiliam na criação de frases que rimam.



Exemplos de técnicas ou esquemas para a formação de rimas em um rap:

AABB – A primeira e a segunda frase rimam (A); a terceira e a quarta frase rimam (B)

ABAB – A primeira frase rima com a terceira; a segunda frase rima com a quarta frase

AAAA – Nesse modelo, todas as frases terminam com rimas

Para saber mais: assista ao vídeo **"Aulas de Rima #3 - Métrica e Esquema de Rimas, com Guilherme Treeze"**, disponível no canal Red Bull FrancaMente no YouTube.

No rap, o *flow* consiste na fluidez durante a execução de uma rima. Assim, é dentro dele que outros elementos podem ser explorados, como a métrica, o ritmo, a construção das rimas e a interpretação. Explore com os alunos essas possibilidades, com o foco na mensagem a ser passada, evidenciando que mais do que técnica ou virtuosismo, valoriza-se a clareza das ideias, a criatividade e a força crítica de cada improviso.

Sugere-se que o/a professor/a divida a turma em dois grupos e alterne as participações, garantindo que todos tenham a oportunidade de rimar. Possibilite que os estudantes possam escolher a base rítmica a ser utilizada, que pode ser produzida por instrumentos, sons corporais como o *beatbox* - técnica vocal que produz ritmos, semelhante ao som de uma percussão - ou bases eletrônicas. Cada aluno poderá construir uma estrofe de quatro versos em sua improvisação.



Para concluir a aula, o/a professor/a conduz uma breve reflexão coletiva sobre como foi participar da roda de rima e o que foi dito ali. É importante perguntar: quais ideias apareceram mais? Que sentimentos emergiram? Houve denúncias de problemas sociais, sonhos ou reivindicações? Essas falas podem ser registradas e servir de inspiração para a composição das letras nas aulas

seguintes. Essa terceira aula é fundamental para fortalecer a confiança dos estudantes, estimular a consciência crítica, favorecer o protagonismo e criar um ambiente de respeito e escuta mútua, além de preparar o terreno para o trabalho autoral que será desenvolvido na sequência.

Sacadas pra aula 3:

Rima, improviso e freestyle

- Apresente noções básicas de rima, métrica, flow e beat.
- Organize rodas de freestyle.
- Proponha um momento de improvisação entre os alunos com rimas sobre os temas escolhidos pela turma.
- Utilize bases rítmicas produzidas por instrumentos, beatbox ou recursos eletrônicos.
- Promova momentos de escuta, prática e reflexão sobre as produções realizadas.

Aula 4: NOSSA VOZ NO *BEAT*: COMPONDO PARA TRANSFORMAR



Chegando à quarta aula, é hora de transformar tudo o que foi discutido e experimentado em uma criação mais autoral. Neste encontro, o/a professor/a organiza a turma em diferentes grupos e propõe que iniciem a composição de sua letra de rap, usando como ponto de partida os temas desenvolvidos na aula anterior. Antes de escrever, a turma revisita os assuntos e as temáticas mencionados nas aulas anteriores, para se lembrar das mensagens e sentimentos que dali surgiram. Esse momento é importante para dar coerência ao processo e para que

os estudantes percebam que sua produção é resultado de reflexão crítica e não apenas de improvisação momentânea.

Em seguida, os grupos começam a escrever os versos, criando pelo menos quatro linhas que expressem de forma clara uma mensagem coletiva. O/a professor/a atua como facilitador/a, ajudando na organização das ideias, na escolha das rimas e no ajuste das palavras para que o ritmo seja preservado. A criação da base sonora também faz parte da atividade: os estudantes podem experimentar batidas com instrumentos de percussão, palmas, percussão corporal e *beatbox* ou bases eletrônicas.

As bases eletrônicas podem ser desenvolvidas em *softwares* de produção e criação musical, como, por exemplo, o "*Bandlab*", aplicativo de fácil acesso e disponível para aparelhos smartphones gratuitamente, que permite explorar recursos musicais como instrumentos virtuais, separação de áudios, criação de músicas, afinador digital, etc. (Oliveira; Garcia, 2025, p. 7). As batidas variam entre alguns estilos; como sugestão, podem ser trabalhados os tipos de beat mais comuns: o *boom bap* e o *trap*.

Para saber mais

O ritmo do boom *bap*, considerado o mais clássico do hip-hop, varia de 80 a 100 BPM (batidas por minuto), com ênfase para o som do bumbo "*boom*" e da caixa "*bap*". Já o trap, consiste em uma sonorização com andamento mais rápido, entre 130 e 160 BPM, com a presença de viradas de pratos e maior velocidade.

Ver mais: Matéria intitulada "*Trap* x *boom bap*, onde está o verdadeiro rap?" Disponível no site BocadaForte.com.



O objetivo é que cada grupo encontre uma sonoridade que fortaleça a mensagem de sua letra e que a apresentação final tenha identidade própria. Conforme Fialho e Araldi (2009, p. 80), "a base rítmica para o rap pode ser de várias formas: ritmos corporais, sons vocais, instrumentos musicais, sons de celulares, playbacks específicos para rap, entre outros".



Para encerrar, realiza-se uma socialização preliminar, em que cada grupo apresenta os primeiros esboços de suas letras para a turma. Esse compartilhamento permite que todos ouçam o que os colegas estão criando, deem sugestões e percebam pontos em comum entre os temas. O/a professor/a pode destacar como o rap, ao ganhar corpo na sala de aula, se torna também um ato político, denunciando injustiças e dando voz às juventudes periféricas. Essa etapa prepara o caminho para a apresentação final, que pode ser planejada como um momento de celebração e partilha com a comunidade escolar.

Sacadas pra aula 4:

Composição e criação coletiva

- Oriente a composição coletiva de letras de rap.
- Auxilie a construção de bases rítmicas para as composições.
- Estimule a experimentação com percussão corporal, instrumentos e recursos digitais.
- Organize apresentações dos trabalhos produzidos.
- Conduza discussões e reflexões finais sobre as mensagens e temáticas presentes nas composições.

O *BEAT* PARA, MAS A IDEIA FICA!



Encerrando esta proposta, é possível afirmar que trabalhar o rap na escola vai muito além de ensinar um gênero musical. Trata-se de abrir um espaço de escuta e de expressão para vozes historicamente silenciadas, reconhecendo a potência criativa e política das juventudes. Ao longo das quatro aulas, os/as estudantes foram convidados/as a conhecer a história do hip-hop, a refletir sobre as desigualdades sociais e a transformar essas reflexões em palavras rimadas, beats e performances.

Do ponto de vista pedagógico, a sequência de aulas articula conceitos, práticas e atitudes que contribuem para uma formação crítica, antirracista e emancipatória. Ao promover rodas de conversa, improvisações e composições coletivas, o trabalho estimula o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e do pensamento crítico, além de fortalecer vínculos de cooperação entre os colegas. É uma oportunidade de romper com modelos tradicionais de ensino de música que priorizam apenas a técnica voltada a um tipo específico de fazer musical, colocando a experiência e a vivência dos/as alunos/as no centro do processo de aprendizagem.

Por fim, esta proposta reafirma que a cultura hip-hop é um patrimônio vivo que deve estar presente na escola pública, especialmente no ensino médio, por sua capacidade de dialogar com a realidade das juventudes e de transformar a sala de aula em um espaço de protagonismo e criação coletiva. Espera-se que professores e professoras que adotarem essa abordagem possam inspirar novas práticas e gerar um ambiente escolar mais plural, crítico e sensível às questões sociais do nosso tempo, ampliando a função social da educação musical.

Autor(a)



Ana Clara da Silva Ponciano
claraponciano9@gmail.com

Mestre em Música pelo Programa de Pós Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGMUS/UFRN), com incentivo de bolsa CAPES. Licenciada em música pela mesma instituição, violinista, professora e pesquisadora em formação. Foi bolsista da Iniciação Científica (PIBIC-UFRN), produzindo pesquisas sobre o desenvolvimento profissional de professores de música e a escola de educação básica. Participou da pesquisa intitulada Mapeamento da Literatura Acadêmica sobre (Auto)Biografia e Educação Musical no Nordeste brasileiro, sob a orientação da profa. Dra. Tamar Genz Gaulke. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisa em Música da UFRN (GRUMUS), coordenado pelo prof. Dr. Mário André Wanderley Oliveira.
http://lattes.cnpq.br/5171803254687797



Mário André Wanderley Oliveira
mario.andre@ufrn.br

Professor da Escola de Música da UFRN e presidente da ABEM (gestão 2026–2028). Pós-doutorado em Música (área de concentração: Educação Musical) pelo PPGMus/UFRN. Doutorado em Música (área de concentração: Educação Musical) pelo PPGMus/UFRGS. Mestrado em Música (área de concentração: Educação Musical) pelo PPGM/UFPB. Especialização em Educação Musical (pós-graduação lato sensu) pelas Faculdades Santo Agostinho de Montes Claros-MG (FASA). Licenciatura em Artes-Música (habilitação: Violão) pela Universidade Estadual de Montes Claros-MG (Unimontes). Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa em Música da Escola de Música da UFRN (GRUMUS/UFRN). É editor de seção do periódico Diálogos Sonoros – Revista do PPGMus/UFRN.
http://lattes.cnpq.br/3051960153236945

Referências

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa,* São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan./jun. 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/rqhzvRzXfWjTT4kqS7Swzfn/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20 set. 2025.

FIALHO, Vania Malagutti; ARALDI, Juciane. Fazendo rap na escola. *Música na Educação Básica*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 76-82, out. 2009. Disponível em: https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/115. Acesso em: 20 set. 2025.

HOOKS, bell. *Minha dança tem história*. São Paulo: Boitatá, 2019.

LIPSET, Michael B.; ELLIS, David "TC". Revolutionary Youth Culture: a Brief History of Hip Hop for Educators. In: KELLY, Lauren Leigh; GRAVES, Daren (ed.). *The Bloomsbury Handbook of Hip Hop Pedagogy*. London: Bloomsbury Academic, 2024. p. 19-37. ISBN 9781350331815.

NORBERTO, Rafael Branquinho Abdala. A importância da Black Music para a primeira geração de hip-hoppers brasileiros e a "ausência" dos "Bailes Black" em Manaus (AM). In: SOUZA, Angela Maria de; SILVA, Ronaldo; SANTANA, Janaina de Jesus Lopes (org.). *Movimento hip-hop na América Latina desde as fronteiras sociopolíticas e culturais.* 1. ed. Foz do Iguaçu: CLAEC e-Books, 2021. p. 41-54. Disponível em: https://publicar.claec.org/editora/pt_BR/catalog/download/52/52/547?inline=1. Acesso em: 20 set. 2025.

OLIVEIRA, A. "Quanto vale o show?": Racionais MC's e os dilemas do rap brasileiro contemporâneo. *Música Popular em Revista,* Campinas, ano 5, v. 1, p. 113-137, jul./dez. 2017. Disponível em: https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/muspop/article/view/13128. Acesso em: 20 set. 2025.

OLIVEIRA, Willian Carlos de; GARCIA, Marcos da Rosa. Recursos digitais offline e online no ensino de música na educação básica: estratégias e impactos no ensino e aprendizagem musical. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 27., 2025, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: ABEM, 2025. p. 1-15. Disponível em: https://eventos.abem.mus.br/eventos/article/view/17. Acesso em: 30 jan. 2026.

PARDUE, Derek; DIAS, Cristiane Correia; VIEIRA, Djenane. Hip Hop as "Artivism" in the Anti-Black City of São Paulo, Brazil. In: KELLY, Lauren Leigh; GRAVES, Daren (ed.). *The Bloomsbury Handbook of Hip Hop Pedagogy.* London: Bloomsbury Academic, 2024. p. 255-269. ISBN 9781350331815.

RIBEIRO, Paulo Eduardo. *Educação musical por meio da percussão corporal para adolescentes em privação de liberdade.* 2022. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2022. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/30534/4/educacaomusicalpercussaocorporal.pdf. Acesso em: 9 jun. 2026.

SILVA, Djenane V. S. *"Uma fita de mil grau": o movimento hip-hop na construção de identidades culturais e afrodiaspóricas*. 155 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

